

**SOCIOBIODIVERSIDADE E
CONHECIMENTOS
TRADICIONAIS DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE MATA CAVALO - NOSSA
SENHORA DO LIVRAMENTO
– MT - BRASIL**

*SOCIOBIODIVERSITY AND
TRADITIONAL KNOWLEDGE OF
THE QUILOMBOLA COMMUNITY
OF MATA CAVALO - NOSSA
SENHORA DO LIVRAMENTO – MT
– BRAZIL*

*SOCIOBIODIVERSIDAD Y
CONOCIMIENTOS
TRADICIONALES DE LA
COMUNIDAD QUILOMBOLA DE
MATA CAVALO - NOSSA SENHORA
DO LIVRAMENTO – MT - BRASIL*

Maria Aparecida Matos Rios da Costa
Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: matosrios2011@hotmail.com

Giseli Gomes Dalla Nora
Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: giseli.nora@ufmt.br

Resumo:

O uso de plantas medicinais é uma prática bastante antiga, difundida principalmente entre povos indígenas e comunidades tradicionais. Esta pesquisa foi concebida na Comunidade Quilombola Mata Cavallo, no município de Nossa Senhora do Livramento-MT, com o objetivo de compilar informações a respeito dos saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais do cerrado, visando a identificar as espécies utilizadas pela comunidade. Por meio de pesquisa exploratória, foi feito o levantamento sobre uso de plantas medicinais do cerrado. O resultado mostrou que as espécies identificadas já foram estudadas anteriormente, algumas possuem propriedades anti-inflamatórias, citotóxicas, antioxidantes, antidiabéticas, cicatrizantes, entre outros usos. As entrevistas demonstraram que os moradores fazem uso das ervas medicinais do cerrado para tratar diversos problemas de saúde e obtiveram esses conhecimentos de forma empírica por meio das pessoas mais velhas da família. Portanto, concluiu-se que o conhecimento local relacionado está ligado às suas raízes ancestrais e intimamente relacionado à sua identidade cultural.

Palavras-chave: Biodiversidade Comunidades, etnoconhecimento, plantas medicinais do cerrado.

Abstract:

The use of medicinal plants is a very old practice, widespread mainly among indigenous peoples and traditional communities. This research was conceived in the Mata Cavalo Quilombola Community, in the municipality of Nossa Senhora do Livramento-MT, with the objective of compiling information regarding traditional knowledge related to medicinal plants from the cerrado, aiming to identify the species used by the community. The result showed that the identified species have already been studied previously, some have anti-inflammatory, cytotoxic, antioxidant, antidiabetic, healing properties, among other uses. The interviews demonstrated that residents use medicinal herbs from the cerrado to treat various health problems and obtained this knowledge empirically through older people in the family. Therefore, it is concluded that the related local knowledge is linked to its ancestral roots and closely related to its cultural identity.

Keywords: Biodiversity Communities, ethnoknowledge, medicinal plants of the cerrado.

Resumen:

El uso de plantas medicinales es una práctica muy antigua, extendida principalmente entre los pueblos indígenas y comunidades tradicionales. Esta investigación fue concebida en la Comunidad Quilombola Mata Cavalo, en el municipio de Nossa Senhora do Livramento-MT, con el objetivo de recopilar información sobre conocimientos tradicionales relacionados con plantas medicinales del cerrado, con el objetivo de identificar las especies utilizadas por la comunidad. A través de una investigación exploratoria, se realizó una encuesta sobre el uso de plantas medicinales en el cerrado. El resultado arrojó que las especies identificadas ya han sido estudiadas previamente, algunas tienen propiedades antiinflamatorias, citotóxicas, antioxidantes, antidiabéticas, cicatrizantes, entre otros usos. Por lo tanto, se concluye que los conocimientos locales relacionados están vinculados a sus raíces ancestrales y estrechamente relacionados con su identidad cultural.

Palabras clave: Biodiversidad Comunidades, etnoconocimiento, plantas medicinales del cerrado.

Introdução

Desde os primórdios dos tempos utilizam-se plantas para tratar diversos tipos de doenças que afetam o ser humano. Essa prática é conhecida em várias culturas, principalmente entre os povos indígenas e comunidades tradicionais, que são “verdadeiros guardiões” do patrimônio genético.

Os povos e comunidades tradicionais manejam e conservam uma ampla gama de espécies e variedades de plantas que fornecem alimentos, fibras, remédios e energia, tanto para consumo doméstico como para venda. Essas pessoas são os verdadeiros guardiões da agrobiodiversidade (Vernooy *et al.*, 2016, p.13, tradução nossa)¹

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) (FAO; FILAC, 2021, p. 37), os saberes tradicionais dos povos indígenas e tribais sobre fauna e flora são baseados em séculos de experiência e observação do ambiente natural. Esses conhecimentos incluem informações detalhadas sobre as espécies de plantas e animais presentes em seus territórios, seus ciclos de vida, características e usos medicinais, alimentares e culturais. Além do mais, esses povos tendem a ter mais conhecimento sobre manejo do fogo, habilidades que muitas vezes faltam aos que não estão familiarizados com esse meio, dado que a sociedade moderna tem se distanciado cada vez mais das suas origens ancestrais.

¹ Texto original - *gentes y comunidades tradicionales aún manejan y conservan un amplio rango de especies y variedades de plantas que proveen alimentos, fibras, medicinas y energía, tanto para el consumo doméstico como para la venta. Estas personas son los verdaderos guardianes de la agrobiodiversidad* (Vernooy *et al.*, 2016, p. 13).

A FAO alerta para a existência de poucas informações a respeito das “florestas em territórios quilombolas”, quando comparados aos dos povos indígenas, sendo que o Brasil comporta a maior área de territórios quilombolas, “mas não há estimativa confiável em relação à abrangência de sua superfície e extensão de sua cobertura florestal”² (FAO; FILAC, 2021, p. 21, tradução nossa).

De acordo com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), instituída por meio do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são definidos como

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007. P 01).

Essas culturas ganharam reconhecimento nas últimas décadas; no entanto, estão em constante ameaça devido às atividades econômicas, como o avanço da monocultura de grãos, a pecuária e a mineração, sempre acompanhadas de ações antrópicas, como o desmatamento e as sucessivas queimadas, que agridem o meio ambiente e empobrecem o solo, tornando-o menos fértil.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o cerrado é o segundo bioma brasileiro mais afetado pelas mudanças antrópicas, e nas “três últimas décadas vem sendo degradado pela expansão da fronteira agrícola brasileira”, porém, e apesar do

² “Brasil tiene el área más grande de territorios tribales (quilombolos), pero no existe ninguna estimación confiable sobre su superficie y menos sobre su cobertura forestal”. (FAO; FILAC, 2021, p. 21).

reconhecimento de sua “importância biológica”, ainda é o que possui a menor porcentagem de área protegida integralmente. O MMA afirma que “com a crescente pressão para a abertura de novas áreas, visando incrementar a produção de carne e grãos para exportação, tem havido um progressivo esgotamento dos recursos naturais da região” (Brasil, 2023).

A perda da vegetação nativa contribui para o desequilíbrio ambiental; além do mais, essas áreas são suscetíveis às queimadas em razão das peculiaridades de sua formação, o que favorece o espalhamento das chamas sobretudo nos longos períodos de seca, que, conforme Ab’Sáber (2003, p. 120), é de cinco a seis meses secos para seis a sete meses relativamente chuvosos.

O cerrado é conhecido também como “savana brasileira” em consequência de sua formação, que se assemelha à savana africana e por seu clima tropical sazonal, que apresenta altas temperaturas com duas estações bem-marcadas, sendo uma seca e outra chuvosa. Segundo Ab’Sáber (2003, p. 39), a temperatura média anual do cerrado “varia de amplitude, de um mínimo de 20 a 22° C até um máximo de 24 a 26° C, [...] a umidade do ar atinge níveis muito baixos no inverno seco (38 a 40%) e níveis muito elevados no verão chuvoso (95 a 97%)” (Ab’Sáber, 2003, p. 39).

A fitofisionomia desse bioma é bastante variada e sua vegetação é composta por formações florestais, savânicas e campestres. Um de seus aspectos mais fascinantes é a sua biodiversidade, com fauna e flora única. De acordo com Vila Verde (2003, p. 64), a floresta do cerrado e a sua diversidade biológica é “influenciada pelo arcabouço cultural das populações que nele vivem”.

Como relatado no *site* do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), “o cerrado é um bioma de maior diversidade biológica do mundo e estima-se que possua mais de 6 mil espécies de árvores e 800 espécies de aves” (ICMBIO, 2022). Ecossistemas biologicamente diversificados são importantes para manter o equilíbrio ambiental, pois abrigam uma ampla variedade de vida animal e vegetal.

O desenvolvimento deste estudo se deu na comunidade do Quilombo Mata Cavallo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento – MT, distante 50 quilômetros da capital Cuiabá, tendo acesso através da BR-MT 060. De acordo com a Fiocruz (2020), o complexo Quilombo Boa Vida Mata Cavallo é formado por seis associações, quais sejam: Mata-Cavallo de Cima, Mata Cavallo de Baixo, Capim Verde (ou Mata Cavallo do Meio), Água Sul (Água Sul de Cima), Ponte da Estiva (fazenda Ourinhos), Mutuca (ou Ribeirão da Mutuca). Compreende um total de “14.622 hectares”.

O presente trabalho tem por objetivo compilar informações a respeito dos saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais do cerrado, visando a identificar as espécies utilizadas pela comunidade do Quilombo Mata Cavallo.

Metodologia de pesquisa e área de estudo

Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se de abordagem qualitativa semiestruturada e revisão bibliográfica. Nas palavras de Marconi e Lakatos (2003 p. 183), a “pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. Partindo dessa concepção, buscaram-se, na literatura, inúmeras fontes de informações para desenvolver o

presente trabalho, incluindo livros, monografias, dissertações, teses, artigos, *sites*, entre outros, que pudessem contribuir para uma melhor compreensão da etnobotânica, etnoecologia, e taxonomia, assim como a flora presente nesse bioma.

Para Toledo e Barrera-Bassols (2009, p. 44), a etnoecologia tem a função de decifrar a memória biocultural da espécie humana, resgatando e reconhecendo aqueles que a guardam, dado que os saberes tradicionais são baseados nas experiências do mundo vivido, nas ações e significados, e devem ser vistos em uma relação íntima com seu sistema de crenças e sua avaliação do contexto natural e cultural em que se desenvolvem. “A etnoecologia tem a singular tarefa de decifrar a ‘memória da espécie’ e de reivindicar e revalorizar, de passagem, aqueles que a representam e a mantêm viva” (Toledo; Barrera-Bassols, 2009, p. 44).

Este estudo contou ainda com elaboração e aplicação de questionário semiestruturado de caráter qualitativo exploratório, o qual apresenta perguntas relativas à escolaridade, quantidade de pessoas que moram na residência, se faz uso de plantas medicinais nativas do cerrado e com qual frequência, se há crianças na casa que fazem uso dos remédios naturais, a partir de qual idade, o nome da planta, se é da região, forma de obtenção, tipo de coleta, parte utilizada e a forma de utilização, quais tipos de remédio são produzidos com a planta, quais doenças são tratadas com a planta, qual a classificação (arbusto, arbórea, gramíneas, entre outros), se é usada no tratamento dos animais ou outras finalidades, se tem período ou época do ano para a extração da planta e se há horário específico para a coleta, se a planta utilizada é colhida verde, madura ou seca, se jovem, madura ou velha, se é usada fresca, seca naturalmente, seca à sombra, seca ao sol, entre outras.

As perguntas foram elaboradas de forma que o entrevistado pudesse usar um nome fictício caso desejasse. Visando à maior objetividade na pesquisa, buscou-se detectar o nível de conhecimento das pessoas envolvidas, para que a linguagem adotada fosse a mais adequada. Foi realizada apenas uma entrevista por residência.

Além disso, buscou-se identificar a partir de qual idade as crianças passam a usar as plantas, a fim de identificar se há limite de idade para utilização das plantas medicinais. O intuito foi também verificar se as pessoas conseguiam identificar se a espécie era nativa ou não. Foram efetuadas perguntas específicas com o intuito de descobrir se havia técnicas ou rituais para obter e manipular o vegetal. A intenção era também entender a interação da comunidade com o ambiente ao qual está inserida e compreender a abrangência da utilização das plantas do cerrado na comunidade.

A pesquisa foi realizada com moradores adultos da associação de Mata Cavallo de Baixo, nos dias 16 e 17 de agosto de 2021. Foram entrevistadas 7 pessoas, sendo 4 mulheres e 3 homens, que apontaram 27 nomes de plantas e 53 respostas no total, buscando manter um certo distanciamento de vizinhança, a fim de observar se há diferença na obtenção e no uso do material, já que o cerrado na região, como esclarecido por Dias (2009, p. 192), não se apresenta de uma única forma e passa por mudanças bastante expressivas no decorrer do ano, “na época de seca, muitas plantas do cerrado perdem as folhas, flores e frutos, apresentando apenas seus talos e isto as tornam parecidas e difíceis de serem diferenciadas uma das outras” (Dias, 2009, p. 192).

A data em que foi realizada a pesquisa coincidiu com o período mais seco do ano na região, dificultando a identificação das plantas. Em consequência disso foi necessário retornar em outra

data para obtenção de algumas imagens. O registro fotográfico foi realizado utilizando aparelho celular, o que se deu no dia 13 de novembro de 2022. Os dados coletados foram organizados em um quadro com as famílias, nomes populares, nomes científicos e classificação, assim como as partes utilizadas das plantas, indicação popular e forma de uso.

De acordo com Silveira (2009, p. 159), a Comunidade Mata Cavalo é constituída por descendentes de pessoas escravizadas, “que em 1883, receberam como doação, a Sesmaria da Boa Vida, por parte da fazendeira Anna da Silva Tavares, que na ocasião era proprietária da área e dos escravos”. Posteriormente acabaram sendo expulsos da terra que receberam como doação, porém permaneceram ali seis famílias que conseguiram comprar a terra que já lhes pertencia.

Contudo, seus descendentes foram expulsos mais uma vez, e somente em 1988 a Constituição Federal (CF) reconheceu os direitos territoriais dos remanescentes de quilombolas, o que, segundo Silveira (2009, p. 161), “permitiu que muitas famílias pudessem retornar à terra dos seus ascendentes”. Esse retorno, segundo o autor, teve início no ano de 1996, e em 1998 foi reconhecida “a propriedade da Comunidade Mata Cavalo” pelo governo federal. Porém, só em “2003, o Governo Federal, por meio do Decreto nº 4.887, regulamentou tal reconhecimento, entretanto, não pôs fim à luta pela terra” (Silveira, 2009, p. 161-162).

Plantas medicinais são ervas que possuem determinados tipos de propriedades ou substâncias em sua composição capazes de proporcionar alívio ou cura de alguma doença. Ou seja, são espécies vegetais que possuem ação terapêutica que ajudam no tratamento de enfermidades ou que melhoram as condições de saúde das pessoas. Dias (2009, p. 42) esclarece que a medicina popular é o método usado

pelos pessoas comuns para tratar diversos tipos de doenças, sendo que “a sua prática é baseada no conhecimento tradicional, transmitido de geração em geração e; no uso de diversos recursos como: remédios caseiros, dietas alimentares, banhos, benzimentos, orações, aconselhamentos, aplicação de argila, entre outros” (Dias, 2009, p. 42).

As plantas medicinais têm sido usadas para tratar doenças há séculos e têm um forte impacto na história e na cultura humana, de acordo com Piper e Dalla Nora (2019, p. 43), no passado o aprendizado acontecia por meio da vivência, observação, percepção e instinto.

Nossos ancestrais mantinham uma relação íntima com a natureza, viviam em contato permanente com o ambiente que os cercava, que teve início com a observação, percepção e a intuição, tornando real a descoberta das propriedades benéficas e maléficas das plantas, fato que ampliou o conhecimento e na capacidade de adaptação e sobrevivência da humanidade (Piper; Dalla Nora, 2019, p. 43).

No entanto, no decorrer do tempo, com o crescimento demográfico, o surgimento de grandes cidades e o aparecimento e disseminação de diferentes tipos de doenças, surgiu também a necessidade de desenvolver e aprimorar as técnicas de tratamentos. Com o avanço da ciência, viu-se a possibilidade de produzir outros tipos de medicamentos, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, período em que “o setor farmacêutico mundial se consolidou” (Kornis; Braga; Paula, 2014, p. 888).

Todavia, se por um lado esse avanço permitiu uma melhoria significativa na saúde e qualidade de vida, por outro resultou no distanciamento com as raízes ancestrais. Esses conhecimentos foram pouco a pouco caindo no esquecimento, sendo mantidos, no entanto,

entre populações menos favorecidas economicamente e, de forma mais consistente, entre povos e comunidades tradicionais, cabendo a esses conservar e compartilhar esse conhecimento. Para Vila Verde, Paula e Carneiro (2003, p. 64), o ser humano depende dos recursos naturais e “nessa constante interação homem-ambiente, a necessidade tornou-se um fator relevante no delineamento da medicina popular regional” (Vila Verde; Paula; Carneiro, 2003, p. 64).

De acordo com Castro (2022, p. 14), o baixo padrão de vida e o alto custo dos medicamentos também influenciam no aproveitamento de plantas e consumo de fitoterápicos. Conforme o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) do Ministério da Saúde (2009, p. 93), “fitoterápico é o produto obtido das plantas medicinais ou de seus derivados, exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa” (Brasil, 2009, p. 93).

Resultados e discussões

Todos os participantes dessa entrevista têm faixa etária acima de 45 anos de idade e possuem pouco ou nenhum grau de instrução escolar. São pessoas dotadas de saber empírico obtidos por meio da convivência e experiências tradicionais, herança dos antepassados.

Com o questionário aplicado no Quilombo Mata Cavallo, direcionado a verificar o emprego das plantas medicinais do cerrado adotado pela comunidade, identificou-se que 100% dos entrevistados consomem ervas pertencentes ao cerrado para fins medicinais e afirmam ter aprendido esse hábito com os mais velhos da família, como avós, pais e tios.

As informações fornecidas pelos moradores foram disponibilizadas no quadro 1, as espécies apontadas foram compiladas com os nomes populares em ordem alfabética seguidos pelos respectivos nomes científicos, família e classificação, obtidos por meio de literatura, assim como parte utilizada, indicação popular e forma de uso.

Quadro 1: Espécies do Cerrado com ação medicinal utilizadas na Comunidade Quilombola Mata Caval-MT.

Nome popular	Nome científico	Família	Classificação	Parte utilizada	Indicação popular	Forma de uso
Angélica	<i>Himatanthus obovatus</i> (M. Arg.) R. E. Woodson	Apocynaceae	Árvore	Folha	Como depurativo de sangue	Chá
Aroeira	<i>Astronium urundeuva</i> (Fr. All.) Engl. ou <i>Myracrodruon urundeuva</i>	Anacardiaceae	Árvore	Casca	Anti-inflamatório para tratar o pulmão, gripes, tosse, dor no corpo e fraturas expostas	A casca na água, chá, xarope e melado ou (melaço)
Assa peixe	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.	Compositae	Árvore	Folhas	Anti-inflamatório para o pulmão, gripes, tosse	Chá e xarope
Barbatimão	<i>Stryphnodendron</i> sp.)		Árvore	Casca	Anti-inflamatório do aparelho urinário e reprodutivo, gastrite e feridas na pele	Chá para lavar feridas, banho de assento e garrafada
Cambara	<i>V. divergens</i> Pohl	Apocynaceae	Árvore	Casca	gripes e tosse	Chá e xarope
Cordão de frade, chá de frade, ou cordão de São Francisco	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br	Lamiaceae	Árvore	toda a planta	Ressaca (mal-estar), dor de cabeça.	Chá para ingestão e banho do corpo todo.
Cumbaru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Fabaceae	Árvore	Casca e castanha	Artrose e feridas	Chá
Espinheira santa	<i>Monteverdia aquifolia</i> (Mart.) Biral. e <i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral.	Celastraceae	Árvore	Casca	Para tratar o pulmão, gripes e tosse	Chá e xarope
Fava de santo Inácio (sucupira)	<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.	Fabaceae	Árvore	Sementes e broto	Para Artrose, pneumonia, anti-inflamatório pulmonar, gripes, tosse, dor no corpo, dor e inflamação do ouvido	Chá e xarope
Fedegoso	<i>Cassia occidentale</i> L.	Leguminosae-caesalpinioideae	Árvore/subarbuto	Toda a planta	Anti-inflamatório pulmonar, gripe e dor no corpo	Chá
Gerbão ou (gervão)	<i>S. cayennensis</i> (L. C. Rich.)	Verbenaceae	Árvore	Folhas	Anti-inflamatório para tratar o pulmão, gripe e dor no corpo	Chá
Hortelã do campo ou Hortelã do brejo	<i>Hyptis dilatata</i> Benth	Lamiaceae	Herbácea	Toda a planta	Anti-inflamatório para o pulmão, gripes, tosse, dor no corpo e verminose	Chá e xarope
Imbaúba/ imbauva	<i>Cecropia pachystachya</i> Tréc	cecropiaceae	Árvore	Broto	Para tratar gripes, tosse, pulmão e ouvido	Chá e xarope

Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	fabaceae	Árvore	Casca, seiva	Anti-inflamatório para pulmão, gripes, tosse e dor no corpo	Chá e xarope
Jatobá-mirim	<i>Hymenaea courbaril</i>	Fabaceae	Árvore	Casca	Para tratar o pulmão	Chá e xarope
Mangava	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Apocynaceae	Árvore	Casca	Para lavar feridas e tratar gastrite	Usado na água e decoção
Mangava brava	<i>Lafoesia pacari</i> St. Hil	lythraceae	Árvore	Casca	Úlcera do estômago e gastrite	Chá
Negramineia	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	Arbusto	Planta toda	Para baixar febre e tratar doenças respiratórias como tosse e gripe	Banho, chá e xarope
Nó de cachorro ou raiz de Santo Antônio	<i>classificaram a espécie como Heteropterys tomentosa</i> A. Juss	Malpigiaceae	Arbusto	Raiz	Depurativo do sangue	
Paratudo ou ipê amarelo	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook. f. ex	bignoniaceae	Árvore	Casca	Gripes, tosse e anemia	Chá e xarope
Paudoleo podólio ou copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae	Árvore	Óleo e semente	Para tratar gripes, tosse e cicatrizar feridas, as sementes são usadas como fortificante	Adiciona o óleo no chá (passa o óleo na ferida)
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	Loganiaceae	Árvore	Casca e folhas	Anti-inflamatório para pulmão, sinusite, gripe, dor no corpo e malina (dores fortes de cabeça e sangramento nasal, constantemente atribuída às mulheres, mas também atinge aos homens)	Na água e chá
Quina genciana	<i>Leptolobium dasy carpum</i>	Fabaceae	Árvore	Raiz	Problemas estomacais, verminose e sintomas da dentição	Na água
Soita cavalo/Açoita cavalo	<i>Luehea grandiflora</i>	Malvaceae	Árvore	Folha, casca e entrecasca	Inflamações pulmonares, gripes, tosse, dor na cabeça e dor no corpo	Banho, chá e xarope
Tapera velha	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit	Lamiaceae	Arbusto	Toda a planta	Tratar estômago, problemas digestivos e ressaca (dor de cabeça, náusea e mal-estar, causados por ingestão de bebidas e alcoólicas)	Chá
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	Subarbuto	Toda a planta	Como anti-inflamatório do pulmão, para verminose, gripe e dor no corpo	Chá

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

No decorrer deste trabalho, serão apresentadas algumas informações referentes aos exemplares citados, assim como estudos realizados anteriormente por autores que atestam as propriedades medicinais de algumas dessas espécies. Foram apontadas 27 espécies de plantas, classificadas como árvores, arbustos, subarbutos e

herbáceas. Dentre essas, as mais citadas foram a aroeira, a hortelã do campo, a fava de Santo Inácio e a quina.

A Angélica é uma árvore de pequeno porte e folhas grandes, como visto na (Figura 1), consumida por adultos da Comunidade Mata Cavallo na forma de chá, como depurativo de sangue. É colhido ainda verde, geralmente pela manhã, apesar de também ser utilizada seca. De acordo com Pott e Pott (1994, p. 42), “*Himatanthus obovatus* (M. Arg.) R. E. Woodson” é uma arvoreta ereta que varia de 3 a 5 metros de altura, sua etimologia significa manto da flor, tem floração de outubro a abril e suas flores possuem “aroma de limão”, ocorrendo frequentemente “na parte leste, cerradão ralo, caapão de cerrado, solos arenosos”. Segundo Ribeiro *et al.* (2022), também é comumente chamada de leiteiro ou vaca leiteira e é polinizada por mariposas. Tem dispersão por vento e sua distribuição se dá nos estados de “AL, AM, BA, DF, GO, MA, MG, MS, MT, PA, RO, SP, TO” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 72).

Figura 1: *Himatanthus obovatus* (M. Arg.) R. E. Woodson.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

De acordo com relato, a aroeira possui propriedades anti-inflamatórias e analgésicas, que ajudam na cura de doenças. O melaço, feito à base da casca dessa árvore (obtido por meio do

cozimento da casca até que se torne um líquido espesso), é usado para tratar fraturas expostas, pois auxilia no processo de cicatrização. O chá, o xarope e até mesmo a imersão da casca na água auxiliam no tratamento de doenças do pulmão, gripes, tosse e dor no corpo. Segundo Ribeiro *et al.* (2022), a *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. é identificada como “aroeira, urundeúva, aroeira-do-sertão, aroeira-do-campo, [...] uso forrageiro, madeireiro, medicinal, melífero, ornamental, resina, tanífero, cultural/ ritualístico” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 410).

Ainda conforme os autores, essa espécie está distribuída por várias regiões do Brasil, podendo atingir até 15 metros de altura e ultrapassar 100 anos de idade. Pott e Pott (1994) afirmam que ela é polinizada por abelhas e sofre dispersão por vento, seus frutos servem de alimento para periquitos e papagaios, sua madeira é pesada e resistente, possui “comprovado efeito anti-inflamatório e cicatrizante, contra úlceras e alergia” (Pott; Pott, 1994, p. 31). Segundo Conceição *et al.* (2011), a *Myracrodruon urundeuva*, que, de acordo o *site* funga e flora do Brasil, disponível em Flora e Funga do Brasil - Flora e Funga jbrj.gov.br, é um sinônimo de *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. (Figura 2), demonstrou ter ação importante para o tratamento de Alzheimer.

Nas palavras de Conceição *et al.* (2011, p. 4), “estudos também apontam que as espécies *Myracrodruon urundeuva* [...] apresentam atividades anticolinesterásica, antioxidante e antiinflamatória, importantes para o tratamento da doença de Alzheimer, provavelmente diminuindo a sua progressão”.

Figura 2: *Myracrodruon urundeuva* a (Engl.) Fr. All.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O Assa peixe, a Espinheira Santa, o Fedegoso e o Gervão, por sua vez, são utilizados como anti-inflamatório no tratamento de doenças do pulmão, gripes, tosse e para aliviar a dor no corpo. Freitas e Guarim-Neto (2013) enfatizam que, dentre as espécies do gênero *Vernonia* registradas na região de Mato Grosso, quatro possuem proveito medicinal no combate a infecções respiratórias e distúrbios do sistema gastrointestinal, dentre as quais está a *Vernonia ferruginea* Less.

Maier (2016, p. 53) ressalta que estudos com essa planta mostraram ação contra o protozoário causador da doença de Chagas, “os extratos etanólicos de *Vernonia ferruginea* (folha) [...] apresentaram atividade tripanocida frente à forma epimasigota de *T. cruzi*” (Maier, 2016, p. 53). Na região podem ser encontradas variedades da espécie *Vernonia*, algumas têm aspectos semelhantes, como formato e texturas ásperas das folhas, mas se diferenciam em tamanho e na coloração das flores que em grande parte do tempo está arroteada de pequenos insetos. No entanto, há também aquelas que se assemelham visualmente apenas no formato das flores. Pott e Pott

(1994) dizem que a *Vernonia ferrugínea* Less pode medir até quatro metros de altura e as folhas até 30 centímetros com florescência de agosto a outubro. Fornece néctar para as abelhas e, apesar de ser considerada uma “invasora de pastagens [...] no Pantanal também é encontrada em vegetação natural” (Pott; Pott, 1994, p. 94). (Figura 3).

Figura 3: *Vernonia ferrugínea* (Less.) H. Rob.



Fonte: INaturalist, 2022.

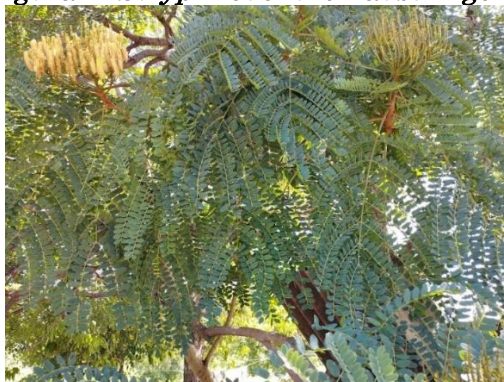
Stryphnodendron sp. / *Stryphnodendron adstringens*, (Figura 4), popular barbatimão, é usada no tratamento de gastrite, gripes, tosse, inflamações do pulmão, em forma de chá para lavar feridas e em banho de assento (consiste em se sentar em um recipiente, geralmente uma bacia, com líquidos que podem ser chá, água ou algum produto escolhido), para tratar o útero e aparelho urinário. Tem denominação variada conforme a região ou localidade e, como apresentado por Ribeiro *et al.* (2022, p. 212), é polinizada por abelhas e a dispersão é feita por mamífero, de nome popular “barbatimão, barba-de-timão, charãozinho-roxo, casca-da- virgindade, [...] é forrageiro, madeireiro, medicinal, ornamental, tanífero, tintorial, tóxico para animais” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 212).

Pott e Pott (1994, p. 156) explicam que essa árvore mede entre 2 e 6 metros de altura e o desenvolvimento das flores ocorre de outubro a fevereiro, mas algumas podem estender a floração até junho, sendo ela uma “forrageira bem aceita por bovino, apesar do tanino. Teores de cálcio (0,37%), magnésio (0, 17%), cobre (6 ppm) e zinco (12 ppm) são bons, o de fósforo (0, 17%) é razoável e o de proteína (16% PB) é bom, para vacas” (Pott; Pott, 1994, p. 156).

Conforme Oliveira, Vanzeler e Chig (2014, p. 119), o tanino é uma substância adstringente, “que são compostos polifenóis (polímeros fenólicos) com ação defensiva em plantas contra insetos. É adstringente, isto é, precipita proteína”.³

Pott e Pott (1994, p. 156) dizem que essa é uma árvore da flora do Cerrado cuja nomenclatura “*Stryphnodendron*=madeira adstringente obovatum= obovado, forma de ovo invertido, [...] o nome vem do guarani iba-timó=árvore que aperta”. Medeiros (2011, p. 261) afirma que essa espécie tem como “Fitofisionomia ou Habitat, cerradão, cerrado (stricto sensu)”.

Figura 4: *Stryphnodendron adstringens*.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

³ “el tanino [...] que son compuestos polifenólicos (Polímeros de fenol) teniendo una acción defensiva en las plantas contra los insectos. Es astringente, es decir, precipita proteína” (Oliveira; Vanzeler; Chig, 2014, p. 119).

O cambará é usado na comunidade no preparo de chá e xarope para tratar resfriados, gripes e tosse. Foi observado que há variações pertencentes à família *vochysiaceae* na localidade, como a *vorchysia divergens Pohl* (Figura 5) e a *Vochysia rufa Mart* (Figura 6).

Algumas dessas plantas têm muita semelhança entre si, o que dificulta a identificação, por esse motivo são classificadas por populares como sendo a mesma espécie. Sampaio (2017, p. 74) diz que essa é uma espécie “polimórfica” (sofre variações). Segundo ele, são “cerca de 240 espécies e oito gêneros [...] há um grande contínuo de variação entre estes táxons infraespecíficos, não havendo limites morfológicos que permitam a circunscrição deles como unidades taxonômicas distintas” (Sampaio, 2017, p. 74).

Figura 5: *Vorchysia divergens Pohl*.



Fonte: Shimizu *et al.*, 2023b.

Figura 6: *Vochysia tucanorum* Mart.



Fonte: Shimizu *et al.*, 2023b.

A *Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br. (Figura 7) é conhecida na comunidade como Cordão de São Francisco, Chá de Frade, ou Cordão de Frade, é utilizada para curar a ressaca, mal-estar e dor de cabeça. De acordo com Moreira e Bragança (2011, p. 514), essa planta é pouco ramificada, com “inflorescência do tipo glomérulo, localizado ao redor do caule na porção superior da planta, caracterizado por apresentar flores desprovidas de pedúnculo, muito próximas entre si, aglomeradas de configuração mais ou menos globosa” (Moreira; Bragança, 2011, p. 514).

Figura 7: *Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br.



Fonte: Antar, 2023.

Em Mata Cavalu, o *Dipteryx alata Vogel* (Figura 8) é conhecido como cumbaru, dele faz-se o chá para tratar feridas, e da castanha, junto com a fava de Santo Inácio, para tratar a artrose, mas em outras regiões pode ser encontrado como “baru, bauí, guaiçara, cumbaru, cumaru, [...] uso alimentício, aromático, forrageiro, madeireiro, medicinal, melífero, oleaginoso, ornamental” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 562). De acordo com Pott e Pott (1994, p. 170), serve de alimento para porco, aves e bovinos, que também espalham suas sementes. Ele possui

Bons teores de proteína (13% PB), fósforo (0,23% e zinco 24 ppm), [...] a polpa contém baixos teores de minerais, salvo fósforo (0,22%), mediano, e proteína (9% PB), abaixo da média de arbustos, suficiente para vacas. Semente comestível, rica em cálcio, fósforo e manganês I, óleos (45%) e proteína, [...] ocorrência, flora do Cerrado, compondo o cerradão solos providos de cálcio, mata seca; também Paraguai e Bolívia (Pott; Pott, 1994, p. 170).

Figura 8: *Dipteryx alata Vogel*.



Fonte: Sano, Brito e Ribeiro, 2018.

A Espinheira Santa, encontrada na comunidade, é uma pequena árvore usada para tratar problemas pulmonares,

respiratórios, gripes e tosse. Conforme Biral e Lombardi (2023), no Brasil, ela possui uma ampla variedade em sua espécie, tendo em comum espinhos nas bordas de suas folhas, apresenta-se na forma de “árvore, arbusto, subarbusto, lianas, ou raramente herbáceas” (Biral, 2023). De acordo com os autores, a planta, denominada cientificamente “*Monteverdia ilicifolia* (Mart. ex Reissek) Biral” (Figura 9), é nativa do Brasil, com ocorrências confirmadas no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Segundo Guarino, Molina e Barbieri, (2019, p. 7), o gênero *Monteverdia* *Celastraceae* está presente em todos os biomas brasileiros, e “35 das 46 espécies nativas são endêmicas do país, [...] é um fitoterápico reconhecido oficialmente pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)” (Guarino; Molina; Barbieri, 2019, p. 7).

Peralta, Latini e Mendonça (2022, p. 933) afirmam que o Brasil lidera as pesquisas científicas com espinheira santa, inclusive, “no ano de 2007, o Sistema Único de Saúde passou a disponibilizar espinheira santa para o tratamento de úlceras e gastrites, e em 2009 foi iniciado o Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicas” (Peralta; Latini; Mendonça, 2022, p. 933). No entanto, os autores ressaltam que das 17 patentes registradas, de compostos feitos à base de espinheira santa, apenas seis pertencem ao Brasil.

De fato, constatou-se que a formulação de *M. ilicifolia* está presente como medicamentos fitoterápicos no Anexo II da Relação Nacional de Medicamentos do Componente Estratégico da Assistência Farmacêutica, da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME 2020) (Brasil, 2019).

Figura 9: *Monteverdia ilicifolia* (Mart. ex Reissek) Biral.



Fonte: Biral e Lombardi, 2023a.

No que diz respeito à Fava de santo Inácio (Figura 10), o broto e a semente são utilizados no tratamento do pulmão, pneumonia, gripes tosse, dor no corpo, dor e inflamação do ouvido. Identificada como “*Pterodon pubescens* (Benth.) Benth. Sucupira-branca-da-flor-rosa, sucupira-branca, sucupira-rosa, [...] uso madeireiro, medicinal, melífero, oleaginoso e ornamental” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 208).

Em consonância com Batalini *et al.* (2020, p. 77597), “produtos fitoterápicos cadastrados e que apresentam na constituição o óleo de sucupira purificado já pode ser encontrado e comercializado em farmácias”. A extração do óleo geralmente é feita através de amassamento ou quebra das sementes, quando em processo artesanal. O autor revela ainda que constatou a presença de metabólitos com potencial antioxidante na entrecasca do caule da sucupira branca, segundo ele, isso os credencia como “produtos naturais que propiciam segurança ao uso popular benéfico à saúde” (Batalini *et al.*, 2020, p. 77602).

Figura 10: *Pterodon pubescens* (Benth.) Benth.



Fotos: Marcelo Kuhlmann; Bruno Nonato, 2022.
Fonte: EMBRAPA.

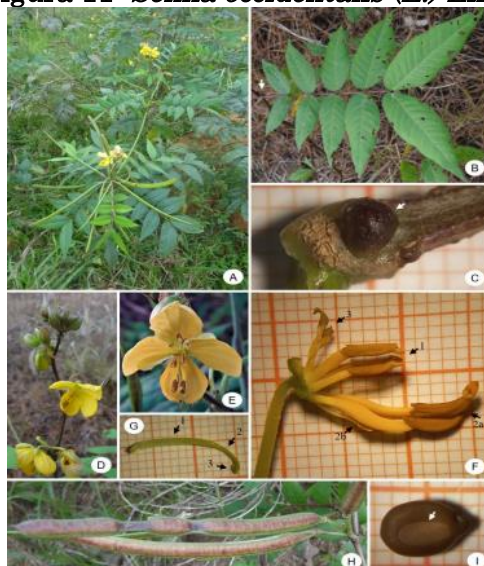
Fedegoso é usado como anti-inflamatório pulmonar e no tratamento de gripe e dor no corpo. Com base em Pott e Pott (1994, p. 142), essa planta é um subarbusto que tem flor e vagem na maior parte do ano e suas sementes podem ser aproveitadas na substituição do café, porém os autores ressaltam que essa planta, cujo nome científico é “*senna occidentalis* (L.) Link ou *Cassia occidentalis* L. [...] contém glicosídeos antraquinônicos e tem inseticida e nematicida” (Pott; Pott, 1994, p. 142). De acordo com Lombardo *et al.* (2015, p. 12), em triagem antimicrobiana mostrou que o extrato hidroalcoólico das sementes de *Senna occidentalis* (Figura 11) “apresentou um amplo espectro de atividade, com pronunciada inibição a *Pseudomonas aeruginosa*”⁴ (Lombardo *et al.*, 2015, p. 12).

⁴ *The antimicrobial screening of Senna occidentalis plant parts showed that the hydroalcoholic extract of the seeds displayed a broad spectrum of activity, with pronounced inhibition to Pseudomonas aeruginosa.* (LOMBARDO *et al.*, 2015, p. 12).

“*Pseudomonas aeruginosa* é um dos principais agentes de infecção nosocomial em hospitais brasileiros, [...]” (Neves *et al.*, 2011, p. 410).

De acordo com Monteiro (1993, p. 135), “infecção nosocomial, pode ser definida como qualquer infecção associada à internação em unidade de saúde, desde que não esteja em período de incubação no momento da internação”.

Figura 11: *Senna occidentalis* (L.) Link.

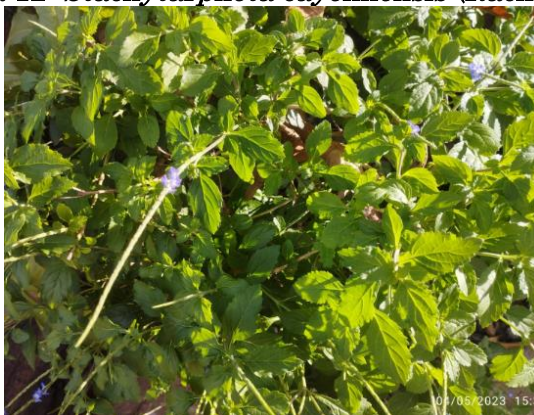


Fonte: Fernandes; Cruz; Lopes, 2022, p. 207.

Gerbão ou (Gervão) é usado como anti-inflamatório para o pulmão, para tratar gripe e dor no corpo. De nome científico “*Stachytarpheta cayennensis* (Rach.) Vahl.” (Figura 12), “se desenvolve em todo território nacional de forma espontânea. [...] Propaga-se por meio de sementes” (Moreira; Bragança, 2011, p. 911). “A classe de maior interesse medicinal de *S. cayennensis* são os compostos fenólicos. As realizações das análises evidenciaram grande quantidade desta classe por todo mesófilo foliar bem como em suas flores” (Araújo 2020, p. 54).

Angelo e Jorge (2017, p. 2) dizem que os compostos fenólicos são essenciais para o crescimento e reprodução das plantas, sendo que eles atuam “como agente antipatogênico” e possuem atividade anticarcinogênica, as quais, segundo os autores, são atribuídas “à inibição dos cânceres de cólon, esôfago, pulmão, fígado, mama e pele”. Os compostos fenólicos, por serem antioxidantes, “são incluídos na categoria de interruptores de radicais livres, sendo muito eficientes na prevenção da autoxidação” (Angelo; Jorge, 2017, p. 2). Os autores explicam que a ação dos antioxidantes, quando “incorporad[a] na alimentação humana”, além de conservar a qualidade dos alimentos, também reduz o risco de desenvolver “patologias, como arteriosclerose e câncer”. (Angelo; Jorge, 2017, p. 2).

Figura 12: *Stachytarpheta cayennensis* (Rach.) Vahl.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Hortelã do brejo ou hortelã do campo (Figura 13) é uma planta rasteira de folhas miúdas, grossa e flores de tom azul-claro e de sabor amargo, utilizada como anti-inflamatório para o pulmão, no tratamento das gripes, tosse, dor no corpo e verminose, além de servir como repelente para espantar mosquito.

Seu nome científico é “*Hyptis dilatata Benth*”, como disposto por Harley e Antar (2023a). Pott e Pott (1994, p. 129) apresentam

essa planta como “*Hyptis crenata Pohl*”. De acordo com os autores, ela é uma apícola que possui forte odor de hortelã, floresce quase o ano todo, mas nos meses de agosto e setembro suas “partes aéreas morrem parcialmente”. No entanto, durante esta pesquisa, observou-se que nessa região, no período de seca, a hortelã do campo morre por completo.

Figura 13. *Hyptis dilatata Benth.*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A imbaúba, o jatobá, e o jatobá-mirim, de acordo com os entrevistados, possuem propriedades anti-inflamatórias e são usadas na forma de chá e xarope para tratar problemas pulmonares, gripes, tosse, ouvido e dores no corpo. Segundo Pott e Pott (1994, p. 77), a “*Cecropia pachystachya Trécul ou cecropia adenopus*” (Figura 14) é uma árvore que pode atingir até 15 metros de altura, possui “copa aberta, ramos horizontais, ocos, cheios de formigas, seu fruto é comestível”. Serve de alimento para diversos animais silvestres, é uma espécie que possui

elevado teor de cálcio (1,33%) e magnésio (0,38%),
médio de fósforo (0,22%), cobre (10 ppm) e zinco (19

ppm), e de proteína (14%PB), para bovino, fruto comestível, sabor de figada (maduro), alimento de bugio, morcegos, tucano, arancuã e outras aves, que a semeiam, apícola do pólen também para muitas abelhas nativas. (Pott; Pott, 1994, p. 77).

Ribeiro *et al.* (2022, p. 748) a identificam também como “embaúba-cinzenta e árvore-da-preguiça”. Conforme os autores, pode ser aproveitada no “uso alimentício, artesanal, cosmético, forrageiro, fibra, madeireiro, medicinal, melífero, ornamental, resina, tanífero, tintorial” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 748).

Figura 14: *Cecropia pachystachya* Trécul.



Fonte: Gaglioti e Aguiar, 2023.

O jatobá, de nome científico “*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne” (Figura 15), conhecido também como Jatobá-do-cerrado, é polinizado por morcegos e disperso por mamíferos, de “usos alimentício, artesanal, forrageiro, madeireiro, medicinal, melífero, ornamental, resina, tintorial” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 190).

Pott e Pott (1994, p. 139) afirmam que o jatobeiro pode atingir 20m altura, possui casca rugosa e as folhas, quando novas, são avermelhadas. A floração acontece de outubro a dezembro e a frutificação, de julho a novembro. O fruto pode ser consumido cru ou cozido, podendo ainda ser transformado em farinha, é “alimento de

fauna, (periquitos, papagaios, bugio, roedores, lobinho e insetos), apícola, pouco forrageira (broto). [...] resina da casca (ou fruto) contém tanino, essências e esteróides-triterpenóides” (Pott; Pott, 1994, p. 139).

O jatobá-mirim ou, conforme Ribeiro *et al.*, (2022, p. 574), *Hymenaea courbaril* L. (Figura 16), é polinizado por “morcegos, abelhas, beija-flores e disperso por mamíferos, tendo uso alimentício, artesanal, celulose, forrageiro, madeireiro, medicinal, melífero, ornamental, resina, tanífero, tintorial” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 574). Por ser melífero contribui na produção de mel. Pott e Pott (1994, p. 138) dizem que essa é uma “árvore ereta” que mede até 20 metros de altura, tem “folha menor (por isto mirim) que a do jatobá-do-cerrado, [...] fruto comestível, adocicado, farinhento, serve de alimento de aves e mamíferos dispersores, rico em cálcio e magnésio, apícola, madeira de lei, pesada (dens. 1,0), resistente a cupim” (Pott; Pott, 1994, p. 138).

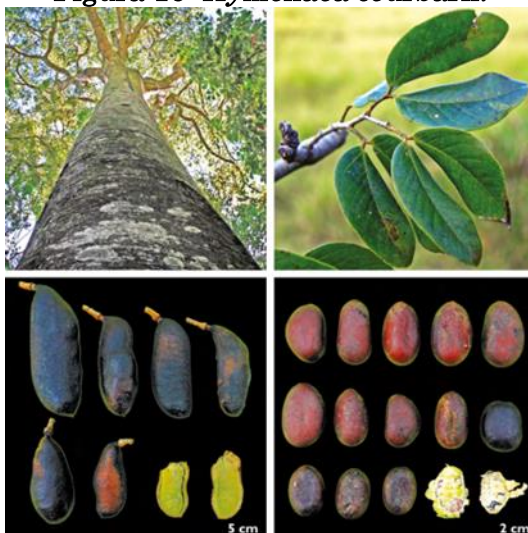
Embora os autores relatem que a frutificação do *Hymenaea courbaril* ocorre de setembro a fevereiro, foi constatado, no decorrer deste trabalho, que nas localidades próximas à comunidade, alguns exemplares de jatobá-mirim permaneceram com frutos por um período mais prolongado, sendo notados alguns com poucos frutos verdes nas primeiras semanas do mês de maio.

Figura 15: *Hymenaea stigonocarpa* Mart.



Fonte: Marcelo Kuhlman e Bruno Nonato, 2022

Figura 16: *Hymenaea courbaril*.



Fonte: Marcelo Kuhlman, 2022

A mangava, de nome científico *Hancornia speciosa* Gomez (Figura 17), é usada na água e em decocção para lavar feridas, tratar gastrite e problemas digestivos. De acordo com Ribeiro *et al.* (2022, p. 70), a espécie é polinizada por mariposas e dispersa por mamíferos, seus usos incluem alimentos, condimentos, látex, madeireiro,

remédios e ornamentos. Segundo Pott e Pott (1994, p. 41), o fruto é comestível, mas quando verde é laxativo, podendo “ser tóxico” e quando maduro pode ser transformado em “doce, sorvete, suco, licor, vinho, xarope, álcool e vinagre, [...] Forrageira bem aceita por bovino, possui teores baixos de minerais (0,29% cálcio, 0,14% fósforo), proteína (7% PB) no limite mínimo para vacas” (Pott; Pott, 1994, p. 41).

Figura 17: *Hancornia speciosa* Gomez.



Fonte: Marcelo Kuhlmann; Bruno Nonato, 2022.

A *Lafoensia pacari* St. Hil. (Figura 18) é conhecida na comunidade como mangava brava, é usada para tratar gastrite e úlcera do estômago. De acordo com Ribeiro *et al.* (2022, p. 187), essa árvore está distribuída nos estados do “AM, BA, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PR, RJ, SC, SP, TO” e é de “uso artesanal, forrageiro, madeireiro, medicinal, melífero, ornamental, tintorial” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 230). Em concordância com Pott e Pott (1994,

p 187), essa planta possui porte médio, entre três e dez metros e sua casca é

amarelada (escura na planta velha), Semente alada, espalhada pelo vento, no início das chuvas, [...] flor abre à noite, polinizada por morcegos, néctar também atrai beija-flores, [...] em pó é cicatrizante, a raiz considerada tônica e febrífuga e a planta toda é sudorífica, casca tem taninos e flavonóides, e a folha, esteróides/triterpenóides (Pott; Pott, 1994, p. 187).

Figura 18: *Lafoensia pacari* St. Hil.



Fonte: Cavalcanti, 2023.

A *Siparuna guianensis* Aubl. (Figura 19), conhecida nessa comunidade como negramina, é colhida no tempo das águas, no período da manhã. De acordo com Valentini, Rodriguez-Ortiz e Coelho (2011, p. 100), ela é polinizada por mosquitos (Díptera: Cecidomyiidae) no período noturno, é dispersa por aves, por formigas (Mirmecocoria) que removem as sementes expostas e por animais, como roedores e primatas (*Callithrix flaviceps*), que se alimentam de seus frutos.

Os autores esclarecem que a “casca da semente é tóxica para os animais”, mas em estudos anteriores foi observado que o *Callithrix flaviceps* come o fruto maduro depois de aberto, descartando a casca.

Ressaltam ainda que em outras observações foi detectada mudança na “composição dos óleos de folhas frescas e secas, assim como do caule e frutos, mudando entre diferentes países, até mesmo entre diferentes regiões geográficas no mesmo país, e dentro da mesma região de acordo com as estações do ano” (Valentini; Rodriguez-Ortiz; Coelho, 2011, p. 100). Segundo os autores, as condições climáticas também interferem na composição do óleo. Nessa perspectiva, pode-se dizer que essa espécie se adapta ao ambiente ao qual se insere.

Figura 19: *Siparuna guianensis* Aubl.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O nó de cachorro, ou raiz de Santo Antônio, é usada como depurativo do sangue. De acordo com Borges *et al.* (2007, p. 9), “a *Heteropterys aphrodisiaca* O. Mach” (Figura 20), intitulada “popularmente por Nó de-cachorro, é uma planta nativa do cerrado de Mato Grosso e Goiás”. Pott e Pott (1994, p. 91) a descrevem como um arbusto, que tem raiz com partes grossas “e nós”, as flores, segundo eles, são amarelas quando novas e mudam para tom avermelhado quando velhas, podendo “perder as folhas na seca”.

Essas afirmativas foram constatadas empiricamente no decorrer desta pesquisa.

Coelho *et al.* (2011, p. 475) afirmam que ela foi reclassificada como “*Heteropterys tomentosa* A. Juss”. No entanto, quando pesquisado por imagens da planta na internet, é perceptível uma certa confusão entre as imagens apresentadas e os respectivos nomes que deveriam coincidir entre si.

Figura 20: *Heteropterys tomentosa* A. Juss.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023

O paratudo (Figura 21) é uma árvore de porte médio, com grandes flores amarelas, usada no tratamento de gripe, tosse, dor no corpo e como anti-inflamatório pulmonar. Ribeiro *et al.* (2022, p. 120) apresentam essa espécie como “*Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. e Hook.f. ex S.Moore, Ipê-Caraíba, Carobeira, Piúva-Amarela, Ipê-Amarelo-do-Cerrado” e acrescentam que ela pode crescer até 30cm anualmente e atingir até 8 metros de altura no campo, podendo ultrapassar os 100 anos.

É polinizada por abelhas e o espelhamento das sementes se dá pelo vento. Pott e Pott (1994) dizem que essa árvore tem casca grossa, que suporta fogo e sua floração é entre agosto e outubro. De

acordo com os autores, a flor é comestível e tem sabor amargo, como a alface, e é uma “forrageira de arancuã, jacutinga, papagaio, bugio, veado e bovino (também come a folha), papagaio faz ninho em ocos e come o fruto” (Pott; Pott, 1994, p. 55).

Figura 21: *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. e Hook.f. ex S.Moore.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

Do caule da árvore copaíba ou pódoleo (Pau-d’óleo) extrai-se o óleo para passar em feridas. Além disso, é adicionado também ao chá para tratar gripes e tosse. As sementes são amassadas e adicionadas ao guaraná de ralar (guaraná em bastão), pois acreditam que essa combinação tem ação fortificante. Segundo Quemel *et al.* (2021, p. 10505), o óleo de copaíba é cientificamente conhecido por sua potente ação contra várias doenças, “como a leishmaniose”. Além do mais, algumas espécies desse gênero possuem atividades “antibacterianas e até anticancerígenas”.

Segundo as autoras, óleo e resina de copaíba podem ser usados para tratar “dor de garganta, ferimentos e inchaços”. O óleo

possui “atividade anti-inflamatória, cicatrizante, antibacteriana, germicida, antitumoral, analgésica, antisséptica, expectorante, antiviral entre outros” (Quemel *et al.*, 2021, p. 10505).

Para Ribeiro *et al.* (2022, p. 560), a *Copaifera langsdorffii* Desf. (Figura 22) é uma árvore resistente ao fogo, polinizada por abelhas, dispersa por aves e de crescimento lento. No campo cresce cerca de 30 cm por ano e pode ultrapassar 100 anos de idade. É “artesanal, madeireiro, medicinal, melífero, oleaginoso, ornamental, tintorial” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 560).

Figura 22: *Copaifera langsdorffii* Desf.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

A quina (Figura 23) é uma árvore de cerne amargo, que possui cascas grossas de tonalidade cinza. Suas flores atraem alguns insetos, que, de acordo com Ribeiro *et al.* (2022), a polinizam. De nome “*Strychnos pseudoquina* St. Hil. – Quina, Quina-do-Cerrado, Quina-Grossa, [...], dispersa por mamíferos, de “usos alimentício, cortiça, madeireiro, medicinal” (Ribeiro *et al.*, 2022, p. 228). Pott e Pott (1994, p. 185) destacam que ela tem tolerância ao fogo.

A floração ocorre em fevereiro, a frutificação em agosto, os frutos podem ser comidos e a rebrota serve de alimento para o gado, além de ter “ação comprovada contra febres” (Pott; Pott, 1994, p. 185). Nessa comunidade, usa-se a casca da quina na água para beber e o chá das folhas como banho para lavar a cabeça para tratar gripe, sinusite, dor no corpo, como anti-inflamatório para o pulmão e malina (a malina, de acordo com populares, refere-se a dores fortes no corpo e cabeça na maioria das vezes acompanhadas por sangramento nasal. Constantemente é atribuída às mulheres, mas também atinge os homens).

Figura 23: *Strychnos pseudoquina* St. Hil.



Autor: Marcelo Kuhlmann, 2022

Fonte: EMBRAPA.

Há uma grande variedade de plantas medicinais no cerrado, com propriedades que auxiliam no cuidado com a saúde. Mas para garantir a disponibilidade desses recursos naturais no futuro é necessário um cuidado especial com a conservação e preservação desse bioma.

A degradação coloca em risco toda a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos providos por ele. As interações biologicamente diversas são importantes para a sobrevivência de todos os seres vivos, pois fornecem recursos essenciais, como água e alimentos, além de favorecer a equiparação na qualidade ambiental, proporcionando uma maior harmonia entre seus componentes. Biodiversidade refere-se à variedade de vida na Terra e baseia-se no conceito de que todas as espécies contribuem para a riqueza dos ecossistemas. A heterogeneidade em comunidades tradicionais demonstra como o conhecimento transmitido empiricamente pode contribuir na preservação dos recursos naturais, pois esses povos em geral vivem em harmonia com a natureza e adotam práticas que contribuem com o equilíbrio do meio vivido. Esses saberes são repassados espontaneamente para os mais jovens.

A comunidade quilombola Mata Cavallo tem forma de organização territorial distinta entre as seis associações que a compõem, no entanto há interação com a natureza em todo o complexo (constatado anteriormente em aulas de campo e visitas eventuais). Essas pessoas utilizam-se de uma ampla gama de plantas medicinais, incluindo várias espécies do cerrado.

Essas plantas crescem naturalmente e espontaneamente e são coletadas pelos próprios moradores, que as utilizam em preparos que servem para tratar diversos problemas que afetam a saúde. A manutenção da diversidade biológica é um método eficaz de preservação dos recursos naturais para as gerações futuras.

O conhecimento tradicional das comunidades locais garante que esses recursos sejam resguardados para uso futuro. “A segurança da indicação de uma planta medicinal para determinada doença ou sintoma é proporcionada pelo conhecimento tradicional, transmitido

de geração em geração e, hoje difundido entre as comunidades” (Dias, 2009, p. 49).

Em geral, os povos e comunidades tradicionais dependem das plantas para fins alimentícios, religiosos e manutenção da saúde. Isso demonstra seu compromisso em preservar suas formas de viver na Terra, mantendo sua identidade cultural.

Considerações finais

Tendo como base o resultado da pesquisa qualitativa semiestruturada de caráter exploratório, com informações obtidas no Quilombo Mata Cavallo, este estudo estruturou-se na revisão bibliográfica e análise de literaturas relacionadas à medicina natural e ao conhecimento de povos tradicionais.

O estudo demonstrou que as espécies identificadas já foram estudadas anteriormente, algumas com propriedades terapêuticas reconhecidas cientificamente. As plantas medicinais são ótimas opções para tratar vários problemas de saúde. Algumas delas possuem propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, anticancerígenas, antidiabéticas, cicatrizantes, citotóxicas, antiplasmodial e antifúngicas.

O conhecimento relacionado às plantas medicinais do cerrado está diretamente ligado às raízes ancestrais dessa comunidade, e a obtenção das ervas acontece de modo extrativista. Pode-se dizer que o favorecimento nessa interação é mútuo, visto que as pessoas se beneficiam dos efeitos farmacológicos dessas espécies. Em contrapartida, o manejo é realizado de forma que o solo seja minimamente agredido, tornando possível que esse costume seja passado para as futuras gerações. Assim, as ervas medicinais

desempenham um papel significativo no cotidiano dessa comunidade e estão intrinsecamente ligadas à sua identidade cultural.

As plantas medicinais possuem uma riqueza de compostos químicos com propriedades terapêuticas que auxiliam na manutenção da saúde. Muitas dessas plantas têm sido objeto de estudos científicos para validar suas propriedades medicinais. A preservação da biodiversidade e a conservação das espécies vegetais são fundamentais para garantir a disponibilidade contínua dessas plantas.

Referências

AB'SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. Ateliê Editorial, 2003.

ANGELO, P. M.; JORGE, N. Compostos fenólicos em alimentos – Uma breve revisão. *Revista do Instituto Adolfo Lutz*, v. 66, n. 1, p. 1-9, 2007.

ANTAR, G. M. *Leonotis*. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB17909>. Acesso em: 04 jul. 2023.

ARAÚJO, E. O. *Desempenho fenológico e caracterização anatômica de gervão-roxo *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl (Verbenaceae)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Agronomia - Horticultura) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2020.

ÁRVORE DO BRASIL. *Informações e estudos sobre árvores nativas brasileiras*. Açoita cavalo - *Luehea grandiflora*. Disponível em: [Açoita cavalo Luehea grandiflora \(arvores.brasil.nom.br\)](https://arvores.brasil.nom.br). Acesso em: 22 abr. 2023.

BATALINI, C. *et al.* Avaliações fitoquímica, fitotóxica e antifúngica da entrecasca do caule de *Pterodon pubescens* Benth (sucupira branca). *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 10, p. 77589-77607, 2020.

BIODIVERSITY4ALL. Disponível em: <https://www.biodiversity4all.org/taxa/1101380-Vernonia-ferruginea>. Acesso em: 01 maio 2023.

BIRAL, L.; LOMBARDI, J. A. *Celastraceae*. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB605053>. Acesso em: 04 jul. 2023.

BORGES, S. G. V. *et al.* Análise de nutrientes em mudas de Nó-de-Cachorro (*Heteropterys aphrodisiaca* O. Mach.) cultivadas em diferentes substratos. *Embrapa Pantanal. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento*, 2007.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial da União*, n. 28, p. 316-316, 2007.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *O Bioma Cerrado*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biomas/cerrado.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (saude.gov.br). Acesso em: 27 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Relação nacional de medicamentos essenciais*: 2020. Brasília-DF, 2019. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relacao_medicamentos_rename_2020.pdf. Acesso em: 16 fev. 2023.

CASTRO, M. S.; MONGE, M.; SOARES, P. N.; RIVERA, V. L.; DEMATTEIS, M.; SEMIR, J. (*in memoriam*). *Vernonanthura*. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB27446>. Acesso em: 04 jul. 2023.

CASTRO, T. G. R. *Diversidade fitoterápica do cerrado: conhecimento passado entre gerações e o uso de plantas medicinais*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal Goiano, Ceres, 2022.

CAVALCANTI, T. B. Lafoensia. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8784>. Acesso em: 04 jul. 2023.

COELHO, M. F. B. *et al.* Nó-de-cachorro (*Heteropterys tomentosa* A. Juss.): espécie de uso medicinal em Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v. 13, p. 475-485, 2011.

CONCEIÇÃO, G. M. *et al.* Plantas do cerrado: comercialização, uso e indicação terapêutica fornecida pelos raizeiros e vendedores, Teresina, Piauí. *Scientia Plena*, v. 7, n. 12, 2011.

CURSOS APRENDIZ. *Terapêutica medicamentosa em odontologia*. 2011. Disponível em: <https://www.cursosaprendiz.com.br/terapeutica-medicamentosa-odontologia/>. Acesso em: 04 jul. 2023.

DALLA-NORA, G.; SATO, M. Pontes nas securas das águas: reflexões sobre as mudanças climáticas e justiça climática em comunidades quilombolas. *Ciência Geográfica*, v. 23, n. 1, 2019.

DIAS, J. E. *Farmacopéia popular do cerrado*. Pacari, 2009.

FAO; FILAC. *Los Pueblos Indígenas y Tribales y la Gobernanza de los Bosques: Una Oportunidad Para la Acción Climática en América Latina y el Caribe*. 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cb2953es>. Acesso em: 1 dez. 2022.

FERNANDES, J.; CRUZ, K.; LOPES, C. R. Morfologia de *Senna occidentalis* (Leguminosae): uma espécie medicinal em Alta Floresta, Mato Grosso. *Enciclopédia Biosfera*, v. 19, n. 39, 2022.

FIOCRUZ. *Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil*. 2020. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>. Acesso em: 23 maio 2023.

FREITAS, A. S. H. J.; GUARIM-NETO, G. O gênero *Vernonia* (Asteraceae) para a flora de Mato Grosso. In: 64º CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA. Belo Horizonte, 10-15 de novembro de 2013. *Anais [...]*. Belo Horizonte, 2013.

GAGLIOTI, A. L.; AGUIAR, D. P. P. *Cecropia*. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15041>. Acesso em: 04 jul. 2023.

GERACE, S.; BOVINI, M. G. *Luehea*. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB9095>. Acesso em: 04 jul. 2023.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. de. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Acta Botanica Brasilica*, v. 17, p. 561-584, 2003.

GUARINO, E. S. G.; MOLINA, A. R.; BARBIERI, R. L. Distribuição potencial de *Espinheira-santa* (*Monteverdia ilicifolia* e *M. aquifolia*) e sua relação com os bancos ativos de germoplasma da Embrapa. *Embrapa 50 Anos*. 2019.

HARLEY, R. M.; ANTAR, G. M. *Hyptis dilatata* Benth. In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2023a. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB36539>. Acesso em: 04 jul. 2023.

HARLEY, R. M.; ANTAR, G. M. *Hyptis Jacq.* In: *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2023b. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB8183>. Acesso em: 04 jul. 2023.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Biodiversidade do cerrado*. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cbc/conservacao-da-biodiversidade/biodiversidade.html>. Acesso em: 21 jan. 2022.

INaturalist. Disponível em: <https://www.inaturalist.org/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

KORNIS, George E. M.; BRAGA, Maria Helena; PAULA, Patrícia A Braungratz de. Transformações recentes da indústria farmacêutica: um

exame da experiência mundial e brasileira no século XXI. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, p. 885-908, 2014.

JIANG, Z. *et al.* Uma revisão sobre a fitoquímica e farmacologia da erva *Scoparia dulcis* L. para o potencial tratamento da síndrome metabólica. *RSC Avanços*, v. 11, n. 50, p. 31235-31259, 2021.

LOMBARDO, M. *et al.* Avaliação das propriedades biológicas in vitro de *Senna occidentalis* (L.) Link. *Acta Scientiarum. Ciências Biológicas*, Maringá, v. 37, n. 1, p. 9-13, 2015.

MAIER, F. S. C. *Avaliação do efeito de extratos vegetais de plantas do cerrado e pantanal sobre o crescimento de trypanosoma cruzi*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, J. de D. *Guia de campo: vegetação do Cerrado 500 espécies*. Brasília: MMA/SBF, 2011.

MISHRA, P.; SOHRAB, S.; MISHRA, S. K. Uma revisão sobre as propriedades fitoquímicas e farmacológicas de *Hyptis suaveolens* (L.) Poit. *Revista Futura de Ciências Farmacêuticas*, v. 7, n. 1, p. 1-11, 2021.

MONTEIRO, J. A. Infecções nosocomiais. Alguns aspectos. *Acta Médica Portuguesa*, v. 6, n. 3-4, p. 135-40, 1993.

MOREIRA, H. J. da C.; BRAGANÇA, H. B. N. *Manual de identificação de plantas infestantes: hortifrúti*. São Paulo: FMC Agricultural Produtos, 2011.

NEVES, P. R. *et al.* *Pseudomonas aeruginosa* multirresistente: um problema endêmico no Brasil. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial*, v. 47, p. 409-420, 2011.

OLIVEIRA, S. S.; VANZELER, M. L. A.; CHIG, L. A. Plantas medicinales: el uso de *barbatimao-stryphnodendron adstringens* (mart.) coville. *Uniciências*, v. 18, n. 2, 2014.

PERALTA, C. O.; LATINI, A. O.; MENDONÇA, F. M. Prospecção Científica e Tecnológica de *Espinheira Santa* *Maytenus ilicifolia* e *Maytenus Aquifolium*. *Cadernos de Prospecção*, v. 15, n. 3, p. 929-943, 2022.

PIPER, R. T. C.; DALLA NORA, G. A educação ambiental e as plantas medicinais do Parque Estadual Zé Bolo Flô em Cuiabá-MT: uma proposta pedagógica. *Revista Outras Fronteiras*, v. 6, n. 2, p. 42-64, 2019.

POTT, A.; POTT, V. J. *Plantas do Pantanal*. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994.

QUEMEL, G. K. C. *et al.* Propriedades medicinais do óleo da *Copaifera Langsdorfii*: uma revisão integrativa da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 3, p. 10490-10508, 2021.

REDE DOR. *Resistência à insulina*. 2023. Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/resistencia-a-insulina>. Acesso em: 17 dez. 2022.

RIBEIRO, J. F. *et al. Guia de plantas do Cerrado para recomposição da vegetação nativa*. EMBRAPA: Brasília-DF, 2022.

SAMPAIO, T. H. S. *Vochysiaceae A. St.-Hil. nos Parques Estaduais da Serra de Caldas Novas e da Serra Dourada e sua sinopse para o estado de Goiás*. 2017. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Vegetal – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SANO, S. M.; BRITO, M. A.; RIBEIRO, J. F. *Dipteryx alata. Brasil. Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade, 2018.

SHIMIZU, G. H.; SOUZA, L. F.; GONÇALVES, D. J. P.; FRANÇA, F. *Vochysiaceae. In: Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. [20?]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB33324>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SHIMIZU, G. H.; SOUZA, L. F.; GONÇALVES, D. J. P.; FRANÇA, F. *Vochysiaceae. In: Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. [20?]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15322>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SILVEIRA, A. Reflexões sobre a Propriedade: em foco a comunidade de Mata Cavallo. *Territórios e Fronteiras*, v. 2, n. 1, p. 153-181, 2009.

SOUZA, P. A. de *et al. Estudo fitoquímico e farmacológico das espécies Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl (Verbenaceae) e Pleurothyrium bahiense (Meissnes) Barroso (Lauraceae)*. 2004.

TOLEDO, V. M. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 20, 2009.

VALENTINI, C. M. A.; RODRIGUEZ-ORTIZ, C. E.; COELHO, M. F. B. *Siparuna guianensis Aublet (negramina): uma revisão*. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 12, p. 96-104, 2010.

VANZELER, M. L. A. *et al. Ensaio preliminares em ratas wistar com extrato hidroetanólico de calunga (Simaba ferruginea St. Hil.) vo, nas fases gestacionais de implantação, organogênese e período fetal: interferências na prole*. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 17, p. 454-461, 2015.

VERNOOY, R. *et al. Bancos comunitarios de semillas: orígenes, evolución y perspectivas*. 2016.

VILA VERDE, G. M.; PAULA, J. R. de; CANEIRO, D. M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 13, p. 64-66, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Conselhos sobre doença coronavírus (COVID-19) para o público*. Disponível em: Conselhos para o público (who.int). Acesso em: 25 maio 2023.

ZULFIKER, A. H. M. *et al.* In vivo analgesic activity of ethanol extracts from two medicinal plants- *Scoparia dulcis* L. and *Ficus racemosa* Linn. *Biol. Med.*, v. 2, n. 2, p. 42-48, 2010.

Submetido em: 05 de março de 2024
Devolvido para revisão em: 22 de agosto de 2024
Aprovado em: 25 de agosto de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3312

Como citar:

NORA, G. D.; COSTA, M. A. M. R. da. SOCIOBIODIVERSIDADE E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MATA CAVALO - NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO – MT - BRASIL. **Terra Livre**, São Paulo, ano 39, v.1, n.62, jan.-jun. 2024, p. 599-643. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3312>. Acesso em: dia/mês/ano.